



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES

Curso de Psicologia

Giovanna Zuchetti Iacobucci

Compreendendo a influência das mídias no processo de erotização infantil e o papel da família pelo olhar da Gestalt-Terapia

Brasília

2023

Giovanna Zuchetti Iacobucci

Compreendendo a influência das mídias no processo de erotização infantil e o papel da família pelo olhar da Gestalt-Terapia

Projeto de pesquisa apresentado à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES), do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)
Professor-orientador: MSc. Alexandre Cavalcanti Galvão

Brasília

2023

Resumo

Na era moderna, as crianças são expostas a conteúdos adultizados e erotizados devido ao avanço das tecnologias e à intensa influência midiática. Isso levanta preocupações sobre os efeitos negativos no desenvolvimento saudável das crianças. Nesse contexto, a família desempenha um papel fundamental na educação e proteção dos filhos. A pesquisa buscou compreender o processo de educação e proteção dos filhos no contexto de uma intensa influência midiática.

Através de uma abordagem qualitativa, o estudo visou explorar as perspectivas subjetivas, interpretar significados sociais e descrever as essências dos fenômenos relacionados à influência das mídias na erotização infantil, considerando o importante papel da família nesse processo, segundo a visão da Gestalt-Terapia. A pesquisa revelou uma notável ambivalência entre as estratégias parentais adotadas pelas mães, algumas mais propensas a exercer um controle mais rígido sobre o acesso das crianças aos conteúdos midiáticos, enquanto outras adotam uma postura mais flexível. Essa dicotomia na abordagem parental desempenha um papel significativo no padrão de consumo de mídia pelas crianças, o que pode influenciar a exposição da criança aos conteúdos inadequados.

Palavras-chave: Infância; Criança; Mídia; Erotização infantil; Gestalt-Terapia.

Sumário

Introdução.....	1
Fundamentação Teórica	3
A infância	3
A infância para Gestalt-Terapia	6
Erotização infantil nas mídias eletrônicas e o papel da família	9
Revisão de Literatura.....	13
Justificativa	23
Objetivos	24
Objetivo Geral	24
Objetivos Específicos	24
Método.....	25
Participantes	27
Instrumentos	27
Procedimento de Coleta	28
Procedimento de Análise.....	28
Resultados	30
Discussão	36
Considerações Finais.....	53
Referências.....	56
Anexos	59

Introdução

Na era moderna, conhecida como a quarta revolução industrial ou Revolução Digital, a sociedade está experimentando um ritmo acelerado e uma crescente fusão entre os setores público e privado. Nesse contexto, a preocupante questão da erotização infantil, abordada de maneira adultizada, tem recebido cada vez mais atenção (Ribeiro & Ferreira, 2022).

A infância contemporânea difere significativamente daquela de anos atrás, devido às transformações sociais, culturais e ao surgimento de novas tecnologias, que moldam a experiência das crianças. É nesse cenário que a presente pesquisa se torna atual e relevante, tendo como objetivo geral compreender o processo de educação e proteção dos filhos no contexto de uma intensa influência midiática, ressaltando estratégias que as famílias buscam para minimizar os efeitos da erotização midiática na formação das crianças.

Assim, esse estudo buscou compreender a influência dos pais ao exporem as crianças a conteúdos adultizados e erotizados, ao mesmo tempo em que promove a conscientização sobre a importância de limitar a exposição virtual, a fim de preservar o espaço privado das crianças e contribuir para o seu desenvolvimento saudável. A pesquisa está dividida em três seções: a primeira aborda a infância e sua evolução histórica, a segunda explora a concepção da infância na abordagem da Gestalt-terapia e, por fim, a terceira seção discute a erotização infantil e o papel fundamental desempenhado pela família nesse contexto.

O estudo utiliza uma abordagem de pesquisa qualitativa para compreender e descrever fenômenos complexos, explorar perspectivas subjetivas e interpretar significados sociais. Baseado na análise fenomenológica, o objetivo é descrever as essências dos fenômenos, concentrando-se nas experiências vividas e a suspensão de crenças e preconceitos. Essa

abordagem busca capturar a essência autêntica da experiência humana, independentemente de interpretações teóricas ou conhecimentos prévios.

Fundamentação Teórica

A infância

A condição infantil, no âmbito do senso comum, traz a ideia de inocência, ingenuidade e pureza, tratam-se de termos sugeridos com frequência que estão atrelados à definição de criança. Também é uma fase biológica essencial no processo de crescimento humano (Muller & Schmidt, 2019).

De maneira geral, o termo criança pode evocar um conjunto de atributos que as tornam universais, como se a infância fosse definida por essas mesmas características, agrupando todas as crianças em um único conjunto homogêneo. No entanto, é importante lembrar que, em geral, a criança é compreendida através da perspectiva dos adultos, o que pode resultar em disparidades entre a realidade do cotidiano em que a criança está inserida e a idealização inicial (Muller & Schmidt, 2019).

Nesse contexto, Müller (2006) destaca que as concepções de infância têm se transformado no decorrer dos processos históricos. Durante a idade média as crianças não eram valorizadas em sua singularidade, portanto, eram consideradas seres biológicos, que não proviam de nenhuma autonomia ou estatuto social (Oliveira et al., 2020). Nesse período, não havia uma divisão entre a infância e a idade adulta, visto que “até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a criança e não tentava representá-la” (Ariès, 1981, p. 72).

Ainda nesse período, as crianças eram consideradas como versões em miniatura de adultos, e sua educação era limitada aos espaços públicos, sem a existência de uma noção de cuidados maternos. Consequentemente, as crianças eram tratadas sem distinção em relação aos adultos, sem reconhecimento de suas características específicas (Barbosa, 2011).

Na sociedade medieval, a grande maioria era analfabeta, já que a leitura era um privilégio restrito ao clero. Predominava a cultura da oralidade, não havendo uma grande preocupação com a educação infantil. Ainda, os valores e costumes sociais eram repassados do contato do adulto diretamente com as crianças. Os trajes da época não apresentavam diferenciação com relação à faixa etária das pessoas. As diferenças por meio da roupa ocorriam somente para evidenciar o grau de hierarquia social, refletindo ainda mais a falta de importância dessas crianças. Ou seja, “nada, no traje medieval, separava a criança do adulto” (Ariès, 1981, p. 70).

Durante a era moderna, surgiu o que Barbosa (2011, como citado em Ariès, 1981) chamou de "sentimento de infância", que representou o primeiro reconhecimento da infância como uma etapa singular do desenvolvimento humano. Nesse mesmo período, várias mudanças ocorreram e influenciaram a construção da concepção atual de infância. Isso inclui o aparecimento dos burgos, que permitiram uma maior individualização; a ascensão do romantismo, que apresentou a criança como um solo fértil para o amanhã; e a emergência do capitalismo, que espalhou a noção de que a criança é o trabalhador do futuro. Como resultado, a criança passou a ser considerada como o ser humano do futuro, demandando cuidados e estimulando o desenvolvimento de várias especialidades médicas e educacionais direcionadas a ela (Barbosa, 2011).

Simultaneamente a esses acontecimentos históricos, foi observado o início da educação formal, o que causou uma divisão entre os mundos adulto e infantil. Os adultos são aqueles que sabem ler e escrever e as crianças são aquelas que precisam passar por um processo lento e gradativo para adquirir esse conhecimento. Em vista disso, a escola ganha um papel fundamental de alfabetizar a criança e prepará-la para o mundo através da disciplina, possibilitando uma via de acesso aos saberes que antes pertenciam somente ao adulto. Como resultado, Aguiar (2014)

argumenta que surgiu o "sentimento de família", no qual a família passou a ter um papel afetivo e formativo, assumindo a responsabilidade pela educação das crianças.

A evolução do conceito de criança, conforme Postman (1999, como citado em Netto et al., 2010), ocorreu em um processo sequencial, em que inicialmente era vista como uma versão em miniatura do adulto e posteriormente passou a ser compreendida como um ser essencialmente diferente. Essa mudança levou a sociedade a demonstrar um maior interesse pela criança e a assumir a responsabilidade pelo seu crescimento (Postman, 1999, p. 78). De acordo com Ariès (1981), a família passou a valorizar a criança, organizando-se em torno dela e retirando-a de sua condição de anonimato.

Já na contemporaneidade, a criança passa a ser reconhecida como um sujeito de direitos, incluindo o direito à educação desde o nascimento e o direito de ser um cidadão e membro ativo da sociedade. Esses direitos são garantidos e protegidos pela legislação brasileira desde a promulgação da Constituição Federal (Brasil, 1988) e consolidados pelo Estatuto da Criança e do adolescente (Brasil, 1990).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990 incluiu as crianças no contexto dos direitos humanos ao regulamentar o artigo 227 da Constituição Federal. De acordo com o artigo 3º do ECA, as crianças e adolescentes têm direito aos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, garantindo assim acesso às oportunidades de desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social em condições de liberdade e dignidade (Brasil, 1990).

Embora haja uma visão mais progressista em relação à infância, as representações sobre ela são variadas e diferem em termos de espaço e classe social de origem. Ainda existem, nos discursos e nas práticas diárias, concepções uniformes sobre o que é ser criança e qual é o seu papel na família, escola e sociedade. Para Jens Qvortrup (2014), cada criança apresenta suas

próprias manifestações, referências, experiências, vivências e reflexões durante sua infância, que surgem a partir de suas necessidades, interesses e realidade cotidiana. A existência de múltiplos fatores, tais como aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais, tecnológicos e ideológicos, afetam tanto as crianças quanto os adultos e, conseqüentemente, a forma como vivenciam e compreendem a infância. Portanto, não se pode considerar a infância como uma experiência única e universal (Gomes, 2008).

A infância para Gestalt-Terapia

A abordagem da Gestalt-Terapia (GT) entende que o desenvolvimento humano é um processo contínuo de adaptação criativa mediada pela habilidade natural do indivíduo de autorregulação orgânica. Enquanto muitos autores e teorias dividem esse processo em fases, estágios, posições ou organizações a fim de estabelecer a ideia de classificação e hierarquização (Antony, 2006).

Pode-se perceber, de acordo com Aguiar (2014), uma contradição entre a concepção da Gestalt-terapia sobre a existência humana no mundo e a visão da infância como um período de fragilidade e instabilidade total em oposição à estabilidade da fase adulta. A abordagem gestáltica entende que o adulto está em constante desenvolvimento, em um processo contínuo de criação de si mesmo, e que mesmo os idosos não estão completamente fixados. De acordo com Soares (2005, como citado em Barbosa, 2011), não há um estado máximo de evolução, mas sim a plenitude de cada momento da experiência de existir, já que o desenvolvimento não se trata de atingir níveis definidos e, portanto, nunca é algo definitivo. Ainda, segundo Aguiar (2014), considerar a criança como uma entidade passiva diante do mundo seria mais uma contradição, uma vez que ela não apenas sofre influências do meio, mas também é capaz de modificá-lo por meio das suas relações com ele.

A busca pela compreensão do desenvolvimento humano em sua multidimensionalidade, que envolve aspectos biopsicológicos e ambientais interdependentes, é norteada pela concepção da totalidade do ser humano. De acordo com Antony (2006), a abordagem Gestáltica é fundamentada em teorias sistêmicas e holísticas, como a Psicologia da Gestalt, Teoria Organísmica, Teoria Holística e Teoria do Campo, e por isso, não adota a visão reducionista e determinista do desenvolvimento humano, que sugere que todas as crianças seguem um processo de crescimento e desenvolvimento definido e fixo, em fases sucessivas.

Segundo essa visão, o indivíduo e o meio ambiente formam uma unidade indissociável que se influencia mutuamente e interage dinamicamente, possibilitando diversas experiências, comportamentos e configurações psicológicas. Segundo Perls (1981, p. 31, como citado em Antony, 2006) “Não há eventos internos e externos, mas sim uma totalidade, um organismo e um meio que interagem e mantêm uma relação de reciprocidade”

De acordo com a abordagem da Gestalt-Terapia, baseando-se nos princípios de sua base filosófica (Humanismo, Fenomenologia, Existencialismo), é possível destacar a imprevisibilidade e unicidade das experiências humanas, a possibilidade de novas perspectivas e a incerteza diante das diversas situações cotidianas. A relação interpessoal é vista como o fundamento essencial da condição humana. Dessa forma, a criança em desenvolvimento é influenciada pelo meio ambiente, incluindo fatores sociais e culturais, além de ser afetada por acontecimentos aleatórios e por suas potencialidades herdadas (Antony, 2006).

Segundo Aguiar (2014), é possível categorizar, de modo geral, as teorias do desenvolvimento em duas perspectivas: a biológico-evolutiva e a pedagógico-normativa. Na primeira abordagem, existe a possibilidade de se interpretar a infância e a adolescência como períodos instáveis e tumultuosos, ao passo que a idade adulta e a velhice são vistas como fases

estáveis e imutáveis. Sob a segunda perspectiva pedagógico-normativa, a infância é vista como uma fase de preparação para a vida adulta, onde o indivíduo é considerado passivo e o desenvolvimento se dá somente nessa fase. No entanto, a Gestalt-Terapia destaca que o desenvolvimento humano ocorre ao longo de toda a vida, e não apenas durante a infância e adolescência.

Ambas perspectivas entram em contraste com a concepção de ser humano para a Gestalt-Terapia, uma vez que de acordo com Barbosa (2011), o desenvolvimento humano é um processo contínuo e permanente de ajustamento criativo, capacidade de se adaptar de forma flexível e saudável aos desafios e demandas do ambiente, agindo de maneira espontânea e responsável para satisfazer suas necessidades. Esse processo é mediado pela autorregulação orgânica, ou seja, capacidade do organismo de regular e equilibrar suas funções internas de forma autônoma. Além do mais, o desenvolvimento humano ocorre através de uma interação constante entre os aspectos biológicos e sociais, sem que um se sobressaia sobre o outro. Como o ser humano é um ser inserido no mundo, as aquisições são influenciadas tanto por fatores orgânicos quanto situacionais, e cada aquisição resulta em uma mudança no mundo (Barbosa, 2011).

Em resumo, a perspectiva da Gestalt sobre o desenvolvimento humano é relacional, uma vez que ela entende que somos seres que se relacionam, trocam e se desenvolvem por meio de encontros e desencontros com pessoas importantes em nossas vidas. Através dessas interações, aprendemos sobre nós mesmos, descobrimos nossas capacidades e limitações e tentamos satisfazer nossas necessidades, orientados pela tendência natural à autorregulação orgânica. Essa tendência é guiada pelo princípio homeostático, que impulsiona o indivíduo a buscar um equilíbrio em sua relação com o mundo, adaptando-se da melhor forma possível à situação presente através do ajustamento criativo, em que a criança emprega suas habilidades e recursos

para interagir com o ambiente, selecionando o que é benéfico e rejeitando o que é prejudicial (Aguiar, 2014).

Erotização infantil nas mídias eletrônicas e o papel da família

Conforme destacado por Sobral (2014), há uma tendência crescente de sexualização na mídia moderna e na cultura predominante, refletindo transformações sociais mais amplas. Essa exposição pública da sexualidade e de conteúdos eróticos está diluindo a separação entre crianças e adultos, de acordo com uma visão moderna da infância. Silverstone (2002, como citado em Sobral, 2014) evidencia que a mídia utiliza o erotismo como uma das principais estratégias para atrair audiências. O problema é que o mundo adulto é apresentado às crianças pelos meios de comunicação sem que elas estejam preparadas para isso, resultando na invasão de conteúdos inadequados para suas idades durante a infância.

Nesse sentido, não se pode abordar a questão da erotização precoce sem levar em consideração os diversos elementos que contribuem para esse fenômeno. Conforme Ferreira e Rocha (2022), a erotização precoce está diretamente relacionada à sexualidade do indivíduo, sendo considerada precoce quando ocorre antes de o sujeito ter uma compreensão plena dessa atividade. Essa manifestação se reflete em comportamentos influenciados por estímulos externos, ou seja, pelas experiências e defluências que o indivíduo recebe do ambiente em que está inserido.

Também é necessário considerar que a erotização precoce está intrinsecamente ligada à perda da condição da infância, uma vez que a concepção contemporânea de infância difere daquela de anos anteriores. A forma como a criança é vista e tratada mudou ao longo do tempo, sendo fortemente influenciada pelos meios de comunicação e pelas pessoas com as quais ela

convive. Isso resulta em ações que estão associadas à perda da inocência, o que configura o problema da erotização precoce (Felipe & Guizzo, 2003).

Nesse cenário, a mídia, conforme destacado por Buckingham (2001 como citado em Ribeiro & Ferreira, 2022), está ocupando cada vez mais espaço nesse contexto. Ela desempenha um papel dual, funcionando tanto como uma ferramenta publicitária quanto altruísta, sem um domínio claro de propriedade. Nas redes sociais, em particular, a exposição das crianças ocorre de forma indiscriminada, resultando em uma erotização precoce que é tratada como algo comum nesse ambiente de compartilhamento sem distinção de idade. Ainda, de acordo com Postman (1999, como citado em Netto et al., 2010), é destacado que o crescente acesso das crianças à informação e ao conhecimento tem diminuído a distância entre elas e o mundo dos adultos. Isso resulta em uma maior antecipação da vida adulta por parte das crianças.

Na sociedade contemporânea, observa-se um intenso impacto da mídia ao transmitir e estimular cada vez mais o desenvolvimento precoce e a erotização. Filmes, séries, novelas, redes sociais e o avanço da tecnologia em si criam um ambiente em que crianças e adolescentes são expostos a conteúdos que podem comprometer sua experiência em atividades que tradicionalmente foram consideradas eficazes e necessárias para o seu desenvolvimento (Ferreira & Rocha, 2022).

Dessa forma, a criança começa a adotar comportamentos que estão além de sua capacidade de compreensão, imitando uma série de ações apresentadas por outras pessoas ou até mesmo pela mídia, mesmo sem entender o significado desses atos. Figueiredo et al. (2009, como citado em Reis et al., 2014) também observam que muitos programas de televisão exibem mulheres nuas, em poses e danças sexuais, que aos olhos infantis podem ser sujeitos a serem

imitados. Isso pode levar a mudanças no modo como a criança se veste e se expressa, o que muitas vezes passa despercebido pelos pais e responsáveis.

É de conhecimento geral que a mídia desempenha um papel significativo como um dos principais impulsionadores da erotização na infância. Esse fenômeno pode ocorrer devido à influência dos estímulos eróticos produzidos pela mídia ou à permissividade com que tais estímulos chegam até as crianças. Nos tempos atuais, é evidente que as crianças estão altamente expostas aos conteúdos e mensagens provenientes de diversos veículos midiáticos, o que as torna extremamente vulneráveis. Esses elementos estimulam uma erotização exagerada que as crianças, devido à sua tenra idade, ainda não possuem o discernimento necessário para compreender de maneira adequada e inocente, o que pode resultar em sérios prejuízos comportamentais (Reis et al., 2014).

A erotização infantil nas mídias eletrônicas traz consigo uma série de riscos preocupantes. Segundo Ribeiro e Ferreira (2022), esses riscos se manifestam de forma evidente em vários aspectos da sociedade. Um dos principais riscos associados à erotização infantil é o impacto na saúde emocional e psicológica das crianças. A exposição precoce a conteúdos sexuais pode gerar confusão, ansiedade, vergonha e baixa autoestima, podendo ter consequências negativas ao longo da vida. Além disso, a erotização infantil pode interferir no desenvolvimento inadequado das crianças, afetando sua percepção de relacionamentos, intimidade e sexualidade, o que pode resultar em dificuldades nos relacionamentos interpessoais e na formação de identidade.

Outro risco importante é a maior vulnerabilidade das crianças à exploração e ao abuso sexual. A exposição a conteúdos sexuais nas mídias eletrônicas aumenta o risco de indivíduos mal-intencionados se aproveitarem da vulnerabilidade das crianças. Isso pode levar a situações

de exploração e abuso, prejudicando seu bem-estar e segurança. Além disso, a erotização infantil pode prejudicar o rendimento educacional das crianças, uma vez que sua atenção e concentração podem ser desviadas para temas inadequados para sua idade. A exposição constante a conteúdos sexuais pode interferir no aprendizado e no desenvolvimento de habilidades acadêmicas.

A influência negativa nos valores e comportamentos também é um risco significativo. A erotização infantil nas mídias eletrônicas pode levar as crianças a adotarem estereótipos de gênero prejudiciais e comportamentos sexualmente inapropriados. Isso pode afetar sua visão sobre si mesmas, sobre os outros e sobre a sexualidade como um todo (Ribeiro & Ferreira, 2022).

Diante desses riscos, Araujo (2016, como citado em Ribeiro & Ferreira, 2022) enfatiza o papel dos pais diante desse processo, que envolve evitar a estimulação precoce ou qualquer coisa que leve a criança além de sua fase apropriada. É responsabilidade dos pais estabelecer um diálogo com os filhos, mostrando-lhes os limites entre o que é permitido e o que é visto. Além disso, é importante exercer controle sobre o uso diário das tecnologias, pois elas podem representar uma influência negativa.

Além disso, também é importante que os pais e educadores estejam atentos a essa problemática e atuem de forma crítica, promovendo uma educação sexual saudável e respeitando o desenvolvimento integral das crianças (Brei et al., 2011). Por fim, Ferreira e Rocha (2022), ressaltam a necessidade de políticas públicas que garantam a proteção da infância e combatam a erotização precoce nos meios de comunicação e na sociedade como um todo.

Revisão de Literatura

Com o objetivo de examinar o conhecimento mais atualizado sobre o assunto em questão, foi realizada uma pesquisa em plataformas digitais. A plataforma inicial utilizada para a pesquisa foi a Ebsco por meio do Centro Universitário de Brasília, acessada em 6 de abril de 2023, a busca foi realizada através dos termos "erot*", "infants", "toddlers" e "early childhood". Dessa forma, foram encontradas 575 referências. Com o objetivo de reduzir esse número, foi utilizado o filtro por texto completo e tradução, foram encontradas 20 referências e apenas 4 artigos foram selecionados. Por meio de uma segunda análise do conteúdo, em decorrência da revisão pelo resumo, foi selecionado apenas 1 artigo. As 19 referências eliminadas abordavam temas como maternidade, maus tratos na infância, pornografia em adultos, história da homossexualidade, sexo e circuncisão, jogos médicos infantis, erotismo materno, privação materna, HIV, criança com mãe deprimida e diferenças sexuais.

Em um segundo momento, devido à dificuldade de encontrar referências que contemplassem o tema em questão, uma nova pesquisa foi conduzida em 11 de abril de 2023, através do portal de periódicos Capes pelo Centro Universitário de Brasília. A busca foi realizada com os termos erot*; infan* e foram encontradas 516 referências. Visando a redução desses números, foram aplicados filtros a fim de excluir os livros, capítulos de livros, resenhas, artigos de jornal, entradas de referência, *web resources* e esse número foi reduzido para 434 referências. Pela primeira análise dos títulos reduzimos esse número para 41 referências e foram selecionados apenas 7 artigos. Por meio de uma segunda análise do conteúdo, em decorrência da revisão pelo resumo, foram selecionados apenas 2 artigos. As 39 referências eliminadas diziam respeito a jogos infantis, experiência erótica, abuso sexual na infância, consumismo infantil, concursos infantis de beleza e infância feminina consumista, crianças vítimas de abuso sexual infantil,

disfunção sexual feminina, pedofilia, masculinidade heterossexual e a pedofilização, infância e consumo.

Em um terceiro momento de pesquisa, em 16 de abril de 2023, foi acessado novamente o portal Capes, a busca foi realizada com os termos adultização; infan* e foram encontradas 18 referências. Pela primeira análise dos títulos reduzimos esse número para 3 pois 15 dessas referências diziam respeito a marketing, futebol na infância, trabalho precoce na infância, gênero e educação sexual e adolescente infrator.

Em conclusão, em 18 de abril de 2023, foi acessado o portal do Google acadêmico, a busca foi realizada com os termos erotização infantil e foram encontradas mais de 40 páginas de referências. Visando a redução desses números, foram selecionadas 15 referências que vão até a página dez do google acadêmico. Pela primeira análise dos títulos reduzimos esse número para 7. A posteriori, através da revisão pelo resumo, foram selecionados apenas 5 artigos.

No primeiro artigo analisado, Felipe e Guizzo (2003) abordam em seu texto como a sexualização e erotização dos corpos infantis é produzida e disseminada pela sociedade do consumo. As autoras argumentam que o consumo se apropria do desejo e da sexualidade, e que a erotização dos corpos infantis é uma forma de estimular o consumo de produtos e serviços direcionados às crianças. O estudo apresenta uma revisão da literatura sobre o tema, com destaque para a influência dos meios de comunicação e da publicidade na erotização dos corpos infantis. As autoras apontam como a imagem da criança tem sido utilizada de forma sexualizada em campanhas publicitárias e como isso pode contribuir para a perpetuação da cultura da violência e do abuso sexual. As autoras também discutem como a erotização dos corpos infantis pode afetar negativamente o desenvolvimento saudável das crianças, contribuindo para a banalização da violência sexual e para a perda da inocência e da infância. Elas defendem a

necessidade de políticas públicas e ações de conscientização para combater a erotização dos corpos infantis e proteger as crianças de práticas abusivas e prejudiciais à sua saúde física e emocional. Em resumo, o artigo destaca como a erotização dos corpos infantis é produzida e disseminada pela sociedade do consumo, e como isso pode afetar negativamente o desenvolvimento saudável das crianças. As autoras defendem a necessidade de políticas públicas e ações de conscientização para combater a erotização dos corpos infantis e proteger as crianças de práticas abusivas e prejudiciais à sua saúde física e emocional.

Em sequência, Müller (2006) discute a importância de ouvir as vozes das crianças em relação às suas culturas infantis, ao trabalho infantil e às formas de resistência que elas desenvolvem em face de sua condição. A autora destaca que as crianças são frequentemente excluídas dos debates e das decisões que as afetam diretamente, e que isso pode levar à perpetuação de situações de exploração e vulnerabilidade. Por meio de entrevistas com crianças de comunidades pobres de Porto Alegre, a autora mostra como elas lidam com o trabalho infantil, que muitas vezes é visto como uma forma de contribuir para a renda familiar. Ela também destaca as estratégias que as crianças desenvolvem para resistir à exploração, como a criação de redes de solidariedade entre elas e a participação em movimentos sociais. A autora argumenta que ouvir as vozes das crianças é fundamental para compreender suas culturas infantis, suas formas de resistência e para elaborar políticas públicas e programas de proteção infantil que realmente atendam às suas necessidades. Em resumo, o artigo de Fernanda Muller destaca a importância de ouvir as vozes das crianças em relação às suas culturas infantis, ao trabalho infantil e às formas de resistência que elas desenvolvem. A autora mostra como as crianças lidam com o trabalho infantil e como desenvolvem estratégias de resistência em face de

sua condição. Por fim, a autora argumenta que ouvir as vozes das crianças é fundamental para elaborar políticas públicas e programas de proteção infantil que atendam às suas necessidades.

Em andamento as pesquisas encontradas da revisão literária presente, os autores Netto et al. (2010) discutem como as estratégias de marketing podem contribuir para a adultização das crianças e a antecipação de sua vida adulta. As autoras argumentam que a indústria do marketing tem promovido a ideia de que as crianças são consumidores ativos e exigentes, com poder de escolha e decisão, o que contribui para a perda da infância e a antecipação da vida adulta. As autoras apresentam dados e exemplos de como as crianças são alvo de ações de marketing, que muitas vezes as apresentam como miniaturas de adultos, com preferências e comportamentos semelhantes aos dos adultos. Elas argumentam que essa representação é problemática porque as crianças não possuem maturidade emocional e cognitiva para entender completamente as implicações de suas escolhas e decisões de consumo. Além disso, também destacam como as estratégias de marketing são utilizadas para criar uma cultura do consumo, que incentiva as crianças a desejarem produtos e serviços que muitas vezes não são adequados para sua faixa etária ou que podem ser prejudiciais para sua saúde e bem-estar. Elas apontam que essa cultura do consumo também pode contribuir para a criação de estereótipos de gênero e a pressão para que as crianças se enquadrem em padrões de comportamento e consumo considerados "adequados" para sua idade e gênero. Em resumo, o artigo destaca como as estratégias de marketing podem contribuir para a adultização das crianças e a antecipação da vida adulta, através da criação de uma cultura do consumo que incentiva as crianças a desejarem produtos e serviços muitas vezes inadequados para sua faixa etária. As autoras argumentam que essa representação é problemática porque as crianças não possuem maturidade emocional e cognitiva para entender completamente as implicações de suas escolhas e decisões de consumo.

Em mais uma revisão de literatura, Brei et al. (2011) abordam a problemática da erotização precoce infantil feminina, com enfoque na influência do marketing. O estudo utilizou-se de pesquisa bibliográfica para embasar a discussão. Os autores argumentam que a erotização precoce é um fenômeno que vem se intensificando na sociedade contemporânea, em especial nas meninas, que são influenciadas pelo marketing que as objetiva e promove padrões de beleza e comportamentos sexualizados. Esse marketing é disseminado por meio de produtos infantis, como roupas, brinquedos e mídias, que utilizam de imagens e mensagens sexuais para atrair a atenção das crianças. O estudo aponta que essa erotização precoce pode trazer consequências negativas para as meninas, como a pressão para comportamentos sexuais inadequados para a idade, a baixa autoestima e a reprodução de estereótipos de gênero. Os autores defendem que é importante que os pais e educadores estejam atentos a essa problemática e atuem de forma crítica, promovendo uma educação sexual saudável e respeitando o desenvolvimento integral das crianças. Por fim, os autores destacam a necessidade de se repensar os valores e comportamentos que são propagados pelo marketing, bem como a importância de se promover uma reflexão crítica sobre as mensagens sexuais presentes nos produtos destinados ao público infantil, visando proteger as crianças da erotização precoce e promover uma infância saudável.

Em continuidade das análises, Reis et al. (2014) discutem a influência da mídia na sexualização precoce de crianças e a importância da educação sexual como uma ferramenta para prevenir esse fenômeno. Os autores destacam que a erotização infantil é um problema social que se intensificou nas últimas décadas, principalmente através da exposição de imagens sexuais em programas de TV, filmes, revistas e redes sociais. Eles argumentam que essa exposição pode ter consequências negativas na saúde emocional e psicológica das crianças, bem como em seu desenvolvimento cognitivo e social. Os autores defendem que a educação sexual é fundamental

para ajudar as crianças a desenvolverem uma compreensão saudável e positiva da sexualidade, o que pode reduzir o risco de erotização precoce. Eles destacam que a educação sexual não se resume apenas à transmissão de informações sobre anatomia e fisiologia, mas também envolve a promoção de valores e atitudes saudáveis em relação ao corpo, à intimidade e ao relacionamento com os outros. A educação sexual deve ser realizada de forma adequada à idade das crianças, respeitando sua capacidade de compreensão e seus valores culturais e religiosos. Os autores também ressaltam a importância do papel dos pais e responsáveis na educação sexual das crianças. Eles enfatizam que os pais devem estar atentos à exposição de conteúdo sexualizado na mídia e conversar abertamente com as crianças sobre sexualidade, respondendo às suas perguntas e preocupações de forma adequada. Eles argumentam que essa abordagem pode ajudar a construir um diálogo aberto e confiante entre pais e filhos, o que pode prevenir a curiosidade desinformada e a busca por informações em fontes inadequadas. Em resumo, o artigo defende a importância da educação sexual na prevenção da erotização infantil, destacando que essa educação deve ser adaptada às necessidades e capacidades das crianças, bem como às suas características culturais e religiosas. Os autores enfatizam a importância do papel dos pais e responsáveis na educação sexual das crianças e na promoção de valores saudáveis em relação à sexualidade.

Prosseguindo, Sobral (2014) discute como crianças de contextos populares ressignificam e dão novos significados a conteúdos eróticos e sexuais presentes na mídia e em seu cotidiano. A autora argumenta que, apesar de a sexualidade infantil ser frequentemente associada a perigo e risco, é importante compreender como as crianças lidam com a temática em seu cotidiano, considerando as particularidades de seus contextos sociais e culturais. Através de entrevistas com crianças de um bairro popular no Rio de Janeiro, a autora mostra como essas crianças se

apropriam de conteúdos sexuais e eróticos presentes na mídia e em seu entorno, dando a eles novos significados e ressignificando-os de acordo com suas experiências e perspectivas. A autora destaca a importância de considerar essas ressignificações na elaboração de políticas públicas e de programas de educação sexual, que precisam levar em conta a diversidade de experiências e perspectivas das crianças e de seus contextos sociais. Em resumo, o artigo apresenta reflexões sobre a ressignificação de conteúdos eróticos e sexuais por crianças em contextos populares. A autora destaca a importância de compreender como as crianças lidam com a temática em seu cotidiano, considerando as particularidades de seus contextos sociais e culturais. A autora sugere que as políticas públicas e os programas de educação sexual precisam levar em conta essa diversidade de experiências e perspectivas para serem efetivos e respeitosos.

Em subsequência aos estudos encontrados, Muller e Schmidt (2018) abordam a questão da exposição de crianças e pré-adolescentes à sexualização em redes sociais, especificamente no Instagram. Ainda, trazem o argumento de que a rede social tem sido usada por pais e responsáveis para promover a imagem de suas filhas como "mini celebridades" na internet, compartilhando fotos e vídeos que muitas vezes apresentam as meninas em roupas sugestivas, poses provocativas e situações que sexualizam suas imagens. As autoras analisam essa prática de exposição em relação aos direitos da criança, à proteção da infância e à preservação da intimidade e identidade das crianças. Elas apontam que essa exposição pode ter consequências negativas na saúde mental e emocional das meninas, como ansiedade, baixa autoestima e distúrbios alimentares, além de expô-las a riscos como o assédio sexual e a exploração. Além disso, as autoras argumentam que a sexualização de meninas em redes sociais é um problema social que deve ser combatido com medidas preventivas, como a conscientização dos pais e responsáveis sobre os riscos dessa exposição, a regulação das redes sociais para impedir a

publicação de conteúdo que sexualiza crianças e a promoção de campanhas de educação e conscientização sobre a importância da proteção da infância. Em resumo, o artigo destaca a preocupação com a exposição de meninas à sexualização em redes sociais, especialmente no Instagram, e argumenta que essa prática é prejudicial para a saúde mental e emocional das crianças, além de expô-las a riscos de exploração e assédio. As autoras defendem a necessidade de medidas preventivas para combater esse problema, incluindo a conscientização dos pais e responsáveis, a regulação das redes sociais e a promoção de campanhas de educação e conscientização.

Dando continuidade às análises, podemos ainda ressaltar a pesquisa realizada por Platt e De Oliveira (2019) que abordam em seu texto a temática da erotização precoce e suas implicações na rotina infantil em instituições escolares. O estudo é de caráter qualitativo e utiliza-se de análise documental de publicações científicas e livros para embasar a discussão. As autoras argumentam que a erotização na infância é um fenômeno cada vez mais comum na sociedade atual, influenciado pela mídia e pela sociedade de consumo, que incentivam a sexualização precoce por meio de propagandas, produtos e comportamentos. Na escola, essa erotização pode se manifestar em brincadeiras, roupas, gestos e comportamentos, muitas vezes naturalizada pelos adultos. O estudo aponta que essa erotização precoce pode trazer consequências negativas para as crianças, como a exposição a conteúdos inadequados para sua idade, a pressão para comportamentos sexualizados, a perda da infância e a reprodução de estereótipos de gênero. As autoras defendem que é importante que as instituições escolares e os educadores estejam atentos a essa problemática e atuem de forma preventiva, promovendo uma educação sexual saudável e respeitando o desenvolvimento integral da criança. Por fim, as autoras destacam a importância da conscientização dos pais e da sociedade em geral sobre a

erotização precoce e suas consequências, bem como a necessidade de se repensar os valores e comportamentos que são propagados pela mídia e pela sociedade de consumo.

Por conseguinte às análises anteriores foi também encontrado o estudo dos autores Oliveira et al. (2020) que buscaram analisar a presença de crianças em editoriais de moda e como essa presença contribui para a adultização da infância na sociedade do consumo. As autoras argumentam que a indústria da moda tem utilizado a imagem de crianças em suas campanhas publicitárias, retratando-as em poses e roupas que as fazem parecer mais maduras e sexualizadas do que realmente são. Ainda, destacam que a adultização da infância é um problema social que afeta a saúde e o desenvolvimento emocional das crianças, além de expô-las a riscos como a exploração sexual e o assédio. Eles argumentam que a indústria da moda contribui para esse problema ao apresentar as crianças como objetos de desejo e consumo, em vez de indivíduos em desenvolvimento. Através de uma análise de editoriais de moda, as autoras mostram como as crianças são representadas como modelos, apresentando-se em roupas e poses que as fazem parecer mais velhas e sexualizadas. Elas argumentam que essa representação é baseada em um modelo adulto, que reforça a ideia de que as crianças devem se comportar e se vestir como adultos para serem aceitas e admiradas. Em resumo, o artigo destaca a presença de crianças em editoriais de moda e como essa presença contribui para a adultização da infância na sociedade do consumo. As autoras argumentam que essa representação reforça a ideia de que as crianças devem se comportar e se vestir como adultos para serem admiradas, o que pode prejudicar seu desenvolvimento emocional e expô-las a riscos.

Em outra análise bibliográfica, as autoras Ribeiro e Ferreira (2022) abordam a questão da erotização infantil em conteúdos veiculados por meios eletrônicos, como televisão, internet e jogos eletrônicos. Ainda, discutem que a exposição precoce à sexualidade pode ter

consequências negativas para o desenvolvimento saudável das crianças adolescentes. O estudo apresenta uma revisão da literatura sobre o tema, destacando como a mídia eletrônica pode influenciar a forma como as crianças veem a sexualidade e como elas se relacionam com o próprio corpo e com os outros. As autoras também discutem como a erotização infantil pode contribuir para a perda da infância e para a reprodução de padrões de gênero estereotipados e prejudiciais. As autoras defendem que é importante que pais e educadores estejam atentos aos conteúdos que as crianças estão consumindo nas mídias eletrônicas e que saibam como conversar sobre sexualidade de forma adequada para a idade e desenvolvimento da criança. Elas ressaltam a necessidade de políticas públicas que garantam a proteção da infância e combatam a erotização infantil nos meios de comunicação. Em resumo, o artigo destaca como a exposição à erotização infantil em conteúdos veiculados por meios eletrônicos pode ter consequências negativas para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes, e defende a importância de pais, educadores e políticas públicas estarem atentos a essa questão.

Por fim, Ferreira e Rocha (2022) apontam a questão da erotização precoce e suas consequências na sociedade contemporânea. Ainda, argumentam que a erotização precoce está relacionada à influência da mídia e ao contexto social em que as crianças e adolescentes estão inseridos. O estudo apresenta uma revisão da literatura sobre o tema, destacando como a mídia e a publicidade utilizam a sexualidade para vender produtos e como isso pode influenciar a forma como as crianças e adolescentes veem a sexualidade e seus próprios corpos. Os autores também discutem como a erotização precoce pode levar a comportamentos sexuais de risco e a problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão. Os autores defendem que é importante que os pais estejam atentos aos conteúdos que seus filhos estão consumindo e que saibam como conversar sobre sexualidade de forma adequada para a idade e desenvolvimento da criança. Eles ressaltam

a necessidade de políticas públicas que garantam a proteção da infância e combatam a erotização precoce nos meios de comunicação e na sociedade como um todo. Em resumo, o artigo destaca como a erotização precoce está relacionada à influência da mídia e do contexto social, e como pode levar a problemas de saúde mental e comportamentos sexuais de risco. Os autores defendem a importância de pais e políticas públicas estarem atentos a essa questão e trabalhem para proteger a infância.

Justificativa

Ampliar a discussão sobre a erotização infantil e engajar a sociedade nesse debate é imprescindível. A exposição das crianças a conteúdos sexuais tem se intensificado consideravelmente nos últimos tempos, especialmente por meio da mídia e das redes sociais, o que pode prejudicar a saúde emocional e psicológica das crianças, bem como seu desenvolvimento cognitivo e social (Reis et al., 2014).

Como autora, considerando os aspectos mencionados anteriormente e minha experiência profissional como Acompanhante Terapêutica infantil à domicílio, convivendo diariamente com a criança e sua família, optei por abordar a questão da erotização infantil, levando em conta a significativa exposição das crianças nos meios de comunicação e a falta de monitoramento. Meu objetivo ao fazê-lo é contribuir para o tema da obra e tornar minha participação mais relevante para o leitor.

De acordo com dados recentes, a exposição à sexualidade na mídia é uma das principais formas pelas quais as crianças são expostas à erotização precoce. Segundo um estudo realizado pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2020) mais de 60% dos conteúdos considerados inadequados para menores de idade nas redes sociais envolvem temas sexuais.

A erotização infantil pode ter efeitos a longo prazo na vida das crianças, como baixa autoestima, dificuldades nos relacionamentos interpessoais e problemas emocionais e psicológicos. Por isso, é fundamental que a educação sexual seja abordada de forma clara e adequada à idade e maturidade das crianças.

Ademais, é preciso destacar que a prevenção da erotização infantil não é responsabilidade apenas dos pais, mas de toda a sociedade. É imprescindível que as escolas, os meios de comunicação e os órgãos públicos se envolvam nesse debate e promovam a conscientização e a adoção de medidas preventivas (Ribeiro & Ferreira, 2022).

Em resumo, é essencial que a sociedade debata abertamente a questão da erotização infantil e participe ativamente da prevenção desse problema, a fim de assegurar um desenvolvimento saudável e positivo das crianças.

Objetivos

Objetivo Geral

O objetivo deste estudo consiste em compreender o processo de educação e proteção dos filhos no contexto de uma intensa influência midiática.

Objetivos Específicos

Apresentar estratégias que os pais adotam para minimizar os efeitos da erotização midiática na formação das crianças.

Método

A pesquisa qualitativa é um método de investigação utilizado nas ciências sociais e humanas para compreender e descrever fenômenos complexos, explorar perspectivas subjetivas e interpretar significados sociais. Ao contrário da pesquisa quantitativa, que se concentra em dados numéricos, a pesquisa qualitativa busca explorar as nuances, contextos e processos sociais subjacentes a um fenômeno específico (Andrade & Holanda, 2010).

A pesquisa qualitativa permite a exploração da subjetividade, entendida como um conjunto de processos que variam de acordo com o contexto em que o sujeito se expressa (Andrade & Holanda, 2010). Nesse tipo de pesquisa, ao lidar com questões complexas, o pesquisador não pode definir antecipadamente os caminhos da pesquisa. A flexibilidade no processo de condução é uma característica distintiva da pesquisa qualitativa. Assim, a direção da pesquisa varia de acordo com o contexto em que se insere, reconhecendo que o pesquisador tem impacto na situação da pesquisa e, ao mesmo tempo, é influenciado por ela.

Sob essa abordagem, a pesquisa qualitativa busca manter uma conexão consistente entre a teoria, os instrumentos e o processo de construção e interpretação das informações, o que contribui para a geração contínua de conhecimento. O ser humano é compreendido como um ser social, histórica e culturalmente constituído. Assim, é essencial considerar o contexto em que o sujeito vive, a fim de transformar, atribuir significado e modificar as histórias de vida (Andrade & Holanda, 2010).

O pesquisador deve estar disposto a modificar seus conceitos prévios para facilitar a produção de conhecimento, uma vez que a criação de teorias é um processo essencialmente qualitativo. A pesquisa é considerada um momento de confronto e desenvolvimento de novas teorias. Essa visão é respaldada pela literatura, que destaca a pesquisa qualitativa como uma

abordagem voltada para a descoberta e a criação de novos métodos de interpretação dos fenômenos da realidade (Andrade & Holanda, 2010).

Em resumo, a pesquisa qualitativa visa manter uma conexão constante entre a teoria, a experiência empírica, os instrumentos utilizados e o processo de construção e interpretação das informações, com o intuito de promover a geração contínua de conhecimento. Essa abordagem vai além de uma mera definição instrumental, sendo também epistemológica e teórica, baseada em processos únicos de construção do conhecimento.

A pesquisa em questão é fundamentada na análise fenomenológica, que requer a suspensão temporária de crenças e preconceitos, com o objetivo de concentrar-se diretamente nas experiências vividas. O objetivo é descrever as essências ou aspectos essenciais dos fenômenos, como eles se apresentam para a consciência, independentemente das interpretações teóricas ou dos conhecimentos prévios.

Para Husserl (2000 como citado em Andrade & Holanda, 2010) a fenomenologia busca uma descrição rigorosa e sistemática dos dados da consciência, por meio de um método de redução chamado "epoché". A epoché envolve a suspensão do julgamento sobre a existência objetiva dos fenômenos, focando apenas em como eles se manifestam na experiência subjetiva.

Ao realizar a análise fenomenológica, o pesquisador descreve minuciosamente as vivências, intencionalidades, estruturas e significados das experiências, buscando uma compreensão mais profunda dos fenômenos em questão. O objetivo é chegar a uma compreensão clara e precisa das essências dos fenômenos, sem se deixar influenciar por teorias prévias ou pressupostos pré-concebidos (Andrade & Holanda, 2010).

Participantes

Este estudo envolveu a participação de uma amostra por conveniência, seguido do método bola de neve, com a indicação de outros participantes, composta por quatro adultos, que são pais ou responsáveis por crianças na fase da infância. Os critérios de inclusão para participação na pesquisa exigiram que os filhos dos respectivos responsáveis selecionados tivessem 6, 8, 10 e 12 anos de idade, além de possuírem acesso aos meios de comunicação midiáticos e fazerem uso frequente desses meios.

Foram estabelecidos critérios de exclusão para este estudo, os quais abrangiam pais ou responsáveis de crianças que não têm acesso a veículos midiáticos e redes sociais, pais de crianças com idade abaixo de seis anos de idade ou de adolescentes. Além disso, a desistência de participar da pesquisa durante as entrevistas também foi considerada um critério de exclusão.

Instrumentos

Para realizar esta pesquisa, foi utilizada uma abordagem de entrevista semi-estruturada, técnica de pesquisa qualitativa que consiste em uma lista de eixos temáticos pré-determinados, permitindo flexibilidade para explorar tópicos adicionais durante a entrevista. Contou com um conjunto de perguntas norteadoras (Anexo A) elaborado pela própria pesquisadora, o qual se fundamentou na temática do estudo.

Nesse sentido, o objetivo da entrevista é explorar a relação entre a história da família, seu envolvimento com as mídias sociais e a regulamentação, bem como compreender o grau de influência dessas mídias e identificar os principais desafios e aspectos positivos associados. A abordagem de entrevista semi-estruturada foi utilizada como método de coleta de dados, permitindo a exploração de tópicos adicionais durante as entrevistas. O conjunto de perguntas

norteadoras serviu como guia para direcionar as entrevistas e obter informações relevantes para a pesquisa.

Procedimento de Coleta

A pesquisa foi realizada na modalidade online. Para iniciar, a pesquisadora estabeleceu contato telefônico com pais ou responsáveis das crianças dentro da faixa etária pré-determinada, que tivessem acesso às mídias eletrônicas. Durante essa comunicação, foi fornecida uma explicação para os pais sobre sua participação, bem como o propósito da pesquisa, seus objetivos e como se daria a condução. Foi solicitado aos participantes a indicação de outros pais e responsáveis, configurando um sistema de bola de neve.

Após a autorização, foi fornecido aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido online (Anexo B), contendo informações essenciais sobre o voluntariado na pesquisa, garantindo o anonimato dos participantes. O termo também inclui detalhes sobre a duração do estudo, bem como esclarecimentos sobre quaisquer potenciais riscos físicos, psicológicos ou morais associados à participação na pesquisa. Além disso, foi disponibilizado o endereço de e-mail de um dos responsáveis pela pesquisa, para que os participantes pudessem entrar em contato em caso de dúvidas ou para fornecer feedback adicional.

Procedimento de Análise

Os resultados foram analisados utilizando uma abordagem fenomenológica, focando nas respostas do questionário. A análise fenomenológica é um processo sistemático para compreender profundamente as experiências humanas. Os passos envolvem familiarização com os dados, identificação de unidades de significado, extração de significados, organização

temática, descrição e interpretação, validação e apresentação dos resultados (Andrade e Holanda, 2010). Essa abordagem busca identificar temas centrais e explorar as nuances e implicações das experiências dos participantes. É um processo reflexivo que requer atenção aos dados e flexibilidade para insights emergentes.

Sendo assim, o objetivo dessa análise é apresentar estratégias que os pais adotam para minimizar os efeitos da erotização midiática na formação das crianças. Foi realizado um exame minucioso das experiências e percepções dos participantes, buscando compreender a essência das vivências relacionadas ao tema.

Resultados

Tabela 1

Porcentagem das unidades de significado das entrevistas com as mães.

Participantes	Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3
História da família	8,10%	4%	13,79
Características da família	5,40%	4%	3,44
Consumo de Mídias	2,70%	4%	3,44
Monitoramento	2,70%	12%	10,34
Tempo de uso	2,70%	4%	3,44
Conteúdo acessado	5,40%	8%	3,44
Infância dos pais - Conteúdos	13,51%	8%	10,34
Infância dos pais - Monitoramento	11,81%	8%	6,89
Classificação indicativa	5,40%	4%	3,44
Mídia e o brincar	2,70%	4%	3,44
Pontos positivos	5,40%	4%	6,89
Pontos negativos	8,10%	12%	13,79
Influência da mídia sob o comportamento	5,40%	4%	3,44
Rotina	13,51%	8%	3,44
Regras	2,70%	4%	3,44
Papel da família	5,40%	8%	6,89

A erotização infantil é um tema de extrema relevância na sociedade atual, pois está intrinsecamente relacionada às influências midiáticas e ao papel desempenhado pela família no desenvolvimento psicossocial das crianças. Este estudo se aprofundou de maneira significativa nesse fenômeno complexo, visando compreender de que forma as mídias contemporâneas contribuem para a erotização precoce das crianças, bem como o papel desempenhado pelas famílias nesse processo, sob a ótica da Gestalt-Terapia.

Neste contexto de apresentação dos resultados, gostaria de ressaltar que a quarta entrevista não foi realizada devido à dificuldade em encontrar a participante e à sua disponibilidade limitada. Portanto, foram realizadas apenas três entrevistas, considerando o prazo de entrega do trabalho. Neste sentido, destacamos as principais conclusões oriundas das entrevistas conduzidas com os responsáveis pelas crianças selecionadas.

Com base na análise fenomenológica, que busca uma compreensão detalhada das vivências, intenções, estruturas e significados das experiências, obtivemos resultados que serão apresentados. Na primeira entrevista, percebeu-se uma mãe mais assertiva em relação às regras; adicionalmente, ela demonstra um vínculo significativo com a religião, utilizando esse elemento como uma ferramenta na educação de seus filhos. Além disso, identificou-se 16 unidades de significado na primeira entrevista. A mais proeminente foi "Infância dos pais - valorização/conteúdos e Rotina" representando cada uma 13,51%. Nessa seção, a entrevistada compartilhou detalhes importantes sobre sua infância, incluindo a relação com as mídias e conteúdos erotizados da época. Na unidade "Rotina", foram discutidos os detalhes das atividades diárias dos filhos.

Em seguida, "Infância dos pais - monitoramento" obteve 10,81%, descrevendo detalhadamente o monitoramento e regulamentação das mídias na época dos pais. Na unidade

"História da família e Pontos negativos" com 8,10% cada, abordou-se aspectos amplos da trajetória familiar, incluindo casamento, nascimento dos filhos e preocupações relacionadas à influência negativa da mídia, especialmente no que diz respeito à erotização infantil.

"Características da família, Conteúdo acessado pela criança, Classificação indicativa, Pontos positivos, Influência da mídia sobre o comportamento da criança e Papel da família" representam cada uma 5,40%, explorando as características essenciais da estrutura familiar, detalhes sobre o acesso da criança a conteúdos midiáticos, avaliação da classificação indicativa e identificação de aspectos positivos percebidos. Realizamos também uma avaliação crítica do impacto da mídia no comportamento infantil, analisando o papel ativo da família na gestão dessa influência, moldando escolhas e desenvolvimento da criança.

Por fim, com menor predominância, encontram-se "Consumo das mídias, Monitoramento, Mídia e o brincar, Tempo de uso e Regras" cada uma representando 2,70%. No contexto analisado, abordamos o "Consumo das Mídias", referente à diversidade e quantidade de meios de comunicação utilizados pela criança. O "Monitoramento" destaca a supervisão parental das atividades midiáticas para garantir conteúdos apropriados. A "Mídia e o brincar" aborda como as mídias impactam as atividades lúdicas e as interações sociais das crianças. O "Tempo de Uso" representa a quantidade diária dedicada à mídia, enquanto as "Regras" estabelecidas pela família orientam o comportamento infantil, criando um ambiente equilibrado.

Na segunda entrevista, destacou-se uma presença materna significativa, um monitoramento eficaz e uma abordagem educacional mais positiva, sem imposições rígidas. Além disso, foram identificadas 16 unidades de significado ao longo da entrevista, foi possível notar o "Monitoramento das Crianças" e "Pontos Negativos" como as mais predominantes, cada uma representando 12%. O "Monitoramento da Criança" refere-se à supervisão ativa das

atividades midiáticas para garantir conteúdos apropriados, enquanto os "Pontos Negativos" abrangem preocupações, como conteúdos inadequados e potenciais efeitos adversos da exposição midiática, visando promover um ambiente seguro para o desenvolvimento infantil.

Em seguida, com 8% cada uma, encontramos "Conteúdos Acessados pela Criança, Infância dos Pais - Conteúdos da Época, Infância dos Pais - Monitoramento, Rotina e Papel da Família". "Conteúdos Acessados pela Criança" aborda a natureza dos materiais midiáticos na vida da criança, enquanto "Infância dos Pais - Conteúdos da Época" e "Infância dos Pais - Monitoramento" exploram as experiências dos pais relacionadas à mídia na infância. "Rotina" descreve as atividades diárias da criança, e o "Papel da Família" destaca a influência familiar na gestão do acesso da criança à mídia.

Com menor predominância, representando 4% cada uma, temos "História da Família, Características da Família, Consumo de Mídias, Tempo de Uso, Mídia e o Brincar, Classificação Indicativa, Novos Comportamentos Influenciados pela Mídia, Regras e Pontos Positivos". A "História da Família" narra eventos significativos, "Características da Família" explora a identidade familiar, "Consumo de Mídias e Tempo de Uso" analisam a interação familiar com a mídia, a "Mídia e o brincar" explora de que maneira as mídias afetam as brincadeiras e as relações sociais das crianças, "Classificação indicativa" são os conteúdos adequados para a idade da criança. "Novos comportamentos influenciados pela mídia" demonstra uma alteração no comportamento da criança, as "Regras" moldam o comportamento das crianças, proporcionando um ambiente equilibrado e os "Pontos Positivos" destacam benefícios percebidos da exposição à mídia.

Na terceira e última entrevista, evidenciou-se um desafio na disciplina dos filhos e uma utilização inadequada das mídias sem uma supervisão constante. Além disso, identificamos

também 16 unidades de significado durante a entrevista. A mais predominante foi "História da família e pontos positivos", representando 13,79% cada uma. A "Trajetória Familiar" abrangeu desde o casamento até o nascimento dos filhos, proporcionando insights cruciais sobre a dinâmica familiar ao longo do tempo. Em paralelo, "Pontos Positivos" destacou os benefícios percebidos pela família na exposição da criança à mídia, ressaltando experiências enriquecedoras.

"Monitoramento da criança" e "Infância dos pais - conteúdos" ocuparam a segunda posição com 10,34% cada uma. O "Monitoramento da criança" envolve a prática de supervisionar ativamente as atividades midiáticas para garantir conteúdos apropriados à idade, promovendo um ambiente seguro para o desenvolvimento e alinhando-se aos valores familiares e "Infância dos pais - conteúdos" demonstram elementos culturais, midiáticos ou educacionais que moldaram a experiência dos pais quando eram crianças.

"Infância dos pais - monitoramento, Pontos positivos e Papel da família" foi a terceira unidade predominante com 6,89% cada uma. Essa análise investigou como os pais supervisionavam e consumiam mídia durante sua própria infância, destacando os aspectos benéficos percebidos pela família na exposição da criança à mídia. Além disso, analisou o papel ativo desempenhado pela família na administração da influência midiática, influenciando escolhas e moldando o desenvolvimento da criança.

Por fim, com menor predominância, temos "Características da família - Profissão, Consumo das mídias, Tempo de uso, Conteúdos acessados pela criança, Novos comportamentos influenciados pela mídia, Classificação indicativa, Rotina, Mídia e o brincar e Regras" cada uma com 3,44%. Essa análise abordou elementos essenciais como casamento, nascimento dos filhos e ocupações dos membros, além de explorar o consumo de mídia, mudanças de comportamento,

conteúdos adequados para a idade, seguimento de rotina e regras estabelecidas pela família.

Essas diversas perspectivas proporcionam uma visão completa da relação da família com a mídia e seu impacto nas experiências e no desenvolvimento da criança.

Discussão

Com base nos resultados, fica claro que as participantes compartilharam unidades de significado semelhantes em suas entrevistas, tratando-se da criação dos filhos e na administração do uso de mídia. Essas convergências destacam a consistência nas práticas e perspectivas, oferecendo uma compreensão aprofundada das dinâmicas familiares e da influência midiática na parentalidade. No entanto, também foram observadas divergências em suas falas em relação à educação dos filhos e ao funcionamento familiar, evidenciando a diversidade de abordagens nesse contexto. Essas convergências e divergências serão detalhadas a seguir para enriquecer a discussão sobre a influência da mídia no processo de erotização infantil e o papel desempenhado pela família nesse contexto.

Antes de iniciar a discussão gostaria de ressaltar que as unidades de significado "História da família" e "Características da família" apareceram em todos os relatos e desempenharam um papel crucial no desenvolvimento e embasamento das entrevistas conduzidas. Estas unidades não apenas forneceram um contexto valioso para a pesquisa, mas também orientaram a pesquisadora a explorar a influência que o ambiente familiar exerce na vida da criança. Ao longo da discussão, essas unidades foram habilmente integradas, contribuindo para a compreensão mais profunda das experiências compartilhadas pelas mães. A "história da família" proporcionou um arcabouço temporal, permitindo uma visão evolutiva das dinâmicas familiares, enquanto as "características da família" trouxeram à tona elementos essenciais que moldam o ambiente em que as crianças crescem.

Dando início a discussão, na unidade de significado "Consumo de Mídias", todas as entrevistadas afirmaram que suas famílias fazem uso de mídias. Contudo, na unidade de significado referente ao "Tempo de Uso", as atividades variam entre as famílias. Na primeira

entrevista, a mãe relata que as crianças ficam apenas duas horas por dia; na segunda entrevista, a mãe menciona um consumo de cerca de três horas; e, na terceira entrevista, a mãe não especifica um tempo, mas destaca um consumo consideravelmente alto, ultrapassando 4 horas por dia, afirmando: “Cada um tem o seu telefone, não tem hora para usar, e o consumo é bem alto de redes sociais.”

Já na unidade de significado relacionada à "Rotina", as rotinas das crianças 1 e 2 são bem estabelecidas, com horários definidos para atividades específicas, incluindo o tempo de uso do celular. Em contraste, a rotina da terceira criança não é claramente determinada, e o tempo de uso do celular é mais flexível e livre. Essa diferença destaca a diversidade de abordagens na organização do dia a dia das crianças em relação ao uso de dispositivos móveis.

No que se refere à unidade de significado "Regras", as mães 1 e 2 apontaram que seus filhos seguem tranquilamente as regras. A mãe 2 relata: “Ele é bem obediente, segue tranquilo as regras, às vezes reclama de primeira, mas acaba fazendo tranquilo, é só negociar.” Já a terceira mãe demonstra dificuldade para a implementação de regras. “Não são tão disciplinados, tenho que estar sempre lembrando, sempre falando. Ah, mas é criança, né? Faz parte, entendeu? Não são robôs.”

Diante dessas informações relacionadas ao consumo de mídias, tempo de uso, regras e rotina das crianças torna-se evidente que as mães 1 e 2 adotam uma postura mais vigilante e disciplinadora em relação aos filhos, enquanto a terceira mãe enfrenta desafios para estabelecer limites e regras. Essa dinâmica reflete a mudança na concepção de infância trazida por Felipe & Guizzo (2003), que argumentam que a criança é significativamente influenciada pelos meios de comunicação e pelas interações com as pessoas ao seu redor. As diferentes formas como as mães lidam com a situação mostram que as experiências das crianças são complicadas e moldadas por

muitos fatores, incluindo o impacto da mídia e das relações sociais no processo de criação. Além disso, Antony (2006) destaca que a relação interpessoal é vista como o fundamento essencial da condição humana. Dessa forma, a criança em desenvolvimento é influenciada pelo ambiente, envolvendo fatores sociais e culturais, além de ser afetada por eventos aleatórios e por suas potencialidades herdadas. Compreender isso destaca a importância de considerar a complexidade e interligação de diferentes aspectos na formação da infância.

Na unidade de significado "Conteúdos Acessados", todas as entrevistadas mencionam plataformas comuns, como Netflix, YouTube, TikTok e Reels do Instagram. Os interesses das crianças nas entrevistas 1 e 2 compartilham semelhanças, envolvendo vídeos de experiências científicas, curiosidades, futebol e conteúdos infantis. Contudo, a terceira entrevistada destaca que seu filho consome vídeos de humor com linguagem inadequada. Quando questionadas a respeito da "Classificação indicativa" desses conteúdos, outra unidade de significado, a mãe 1 relata que seus filhos acessam apenas o que é apropriado para sua idade. A mãe 2 também realiza esse monitoramento e acredita que a responsabilidade desse controle recai sobre os pais, não sobre a criança, afirmando: "Ele ainda não sabe muito o que é para a idade dele ou não, quem tem que saber somos nós pais. Nós que devemos fazer esse controle." Em contrapartida, a mãe 3 enfrenta dificuldades no controle, mencionando: "Ele nem procura saber, né? Algumas séries ele fala 'ah mãe, é 16 anos, é de boa', então não respeita, né."

Esses resultados evidenciam o risco da influência da mídia na erotização infantil, podendo manifestar-se tanto pela exposição direta a estímulos eróticos quanto pela permissividade na exposição desses estímulos às crianças. No cenário atual, as crianças estão amplamente expostas a diversos conteúdos midiáticos, tornando-as suscetíveis a uma erotização prematura. Isso pode resultar em significativos prejuízos comportamentais, uma vez que as

crianças frequentemente carecem de discernimento adequado e inocente devido à sua idade (Reis et al., 2014).

Em relação à unidade de significado "Monitoramento das Crianças", nas três entrevistas, as mães relataram supervisionar o que as crianças acessam em seus celulares. A mãe da primeira entrevista mencionou: "Eu olho o que estão assistindo. Eu olho tudo e permito de acordo com a faixa etária de cada um." Ela ainda ressalta que a televisão de sua casa já é programada com os conteúdos que os filhos podem assistir. Na segunda entrevista, a mãe afirmou: "...ele acessa o YouTube através da minha conta, então eu estou sempre de olho no histórico, e aqui é sempre de porta aberta, sempre estou escutando o que ele está ouvindo." Já a mãe da terceira entrevista, apesar de não conseguir controlar a classificação indicativa, destacou: "Sempre que posso, pego o celular e vejo o histórico, então, assim, estou o tempo todo acompanhando o que eles estão consumindo."

Ainda sobre a unidade de significado "Monitoramento das Crianças", a mãe da segunda entrevista trouxe um fator interessante em seu relato, compartilhando o uso do aplicativo "Family Link". Trata-se de um aplicativo do Google criado para ajudar os pais a estabelecerem regras e orientar a experiência da criança na Internet. O aplicativo dispõe de várias ferramentas que ajudam a monitorar a atividade das crianças no meio digital. Além disso, as mães 2 e 3 relatam a importância do monitoramento, apontando que não conseguem ter controle total da situação e nem monitorar 24 horas por dia. Elas demonstram que fazem o que podem, instruem e conversam, mas destacam que o risco do contato com questões prejudiciais sempre vai existir. A mãe 2 ressalta: "Porque hoje em dia é muito difícil ter controle sobre tudo, esses vídeos rápidos no TikTok e Reels, às vezes no meio de um vídeo inocente pode aparecer um vídeo não inocente,

né, e é perigoso.” A mãe 3 também destaca: “Mas assim, eu tenho muita clareza de que eu não vou conseguir evitar tudo.”

Considerando as respostas apresentadas, é evidente que todas as mães estão envolvidas na tentativa de monitorar o acesso de seus filhos, embora algumas encontrem mais dificuldades devido à rotina agitada ou à complexidade de estabelecer regras, como é o caso da terceira mãe. Nesse contexto, Silverstone (2002, como citado em Sobral, 2014) destaca que o mundo adulto é introduzido às crianças pelos meios de comunicação, sem que elas estejam devidamente preparadas, resultando na invasão de conteúdos inadequados para suas idades durante a infância. Essa invasão é observada nos vídeos que aparentam ser voltados para crianças, mas apresentam músicas obscenas e adultizadas, assim como no TikTok, uma plataforma amplamente utilizada pelas crianças atualmente, conforme destacado pelas três mães.

Frente a essas ameaças, Araujo (2016, como citado em Ribeiro & Ferreira, 2022) destaca que cabe aos pais a responsabilidade de realizar o monitoramento, delineando claramente os limites entre o permitido e o acessado, além de exercer controle sobre o uso diário de tecnologias. Isso é crucial para evitar a exposição precoce ou qualquer estímulo que leve a criança além de sua fase apropriada, garantindo assim uma influência mais positiva em seu desenvolvimento.

No que diz respeito à unidade de significado "Influência da Mídia no Comportamento da Criança", as mães da primeira e segunda entrevista relataram ter percebido mudanças, como palavrões, gírias, músicas e danças. Uma delas relata: “Nunca vi uma grande mudança que pode ter vindo pela mídia, mas sempre acontece às vezes uma gíria nova.” Em contrapartida, a terceira mãe acredita que essa influência é maior partindo das companhias e não do acesso à internet. “Eu

percebo que os comportamentos diferentes vêm mais do contato com outros adolescentes, porque eu acho que esse contato ele tem muito mais lá embaixo do prédio do que pela internet.”

Acerca da influência por amigos, a primeira mãe não demonstrou preocupação. Já a segunda mãe aponta que monitora os colegas. “Eu sempre desço para monitorar as companhias do prédio também. Tem umas crianças mais velhas que falam muita besteira e palavrão, estou sempre de olho.” A terceira mãe acredita que pode haver essa influência, contudo não faz um monitoramento.

Conforme Ferreira e Rocha (2022), a erotização está intrinsecamente ligada à sexualidade do indivíduo, manifestando-se de maneira prematura, antes de uma compreensão plena dessa atividade. Essa expressão se reflete em comportamentos moldados por estímulos externos, ou seja, pelas experiências e influências do ambiente em que o indivíduo está inserido. Nesse contexto, a influência de amigos e colegas, ressaltada pelas mães 2 e 3, emerge como um fator relevante no processo de erotização. Elas destacam a preocupação quanto a essas interações na formação de atitudes e comportamentos relacionados à sexualidade, considerando as relações interpessoais influências significativas na construção desses padrões.

No que se refere à unidade de significado "Influência da Mídia sobre o Brincar", as três mães entrevistadas, nomeadas como Mães 1, 2 e 3, destacaram que seus filhos têm uma preferência consistente por brincar com os colegas do prédio em comparação ao uso do celular. A Mãe 1 menciona que, na maioria das vezes, seus filhos optam por descer e brincar ao invés de ficar no celular após a escola. A Mãe 2 compartilha a mesma percepção, afirmando que, devido à quantidade de crianças em seu prédio, seu filho prefere brincar a estar no celular. A Mãe 3 ressalta que, nos fins de semana, seu filho dedica mais tempo à brincadeira do que ao uso de telas. Esses relatos refletem a importância das interações interpessoais, corroborando com a visão

de Antony (2006), que considera essas relações como o alicerce fundamental da condição humana. Nesse contexto, o desenvolvimento infantil é moldado pelo ambiente, abrangendo fatores sociais e culturais, juntamente com eventos aleatórios e características herdadas.

Com foco na unidade de significado "Infância dos Pais - conteúdos", as três participantes trouxeram os relatos de sua infância e como se deu o contato com as mídias sociais, bem como os conteúdos erotizados da época e o monitoramento que era feito. A primeira participante valoriza sua infância: "A minha infância foi a melhor, viu? Porque nem televisão eu tinha em casa. Então não tinha celular na época. Eu só brincava com minhas primas e ia pra escola." Outra fala que evidencia essa comparação é: "A gente tinha trem da alegria, Mara Maravilha. Era maravilhoso, a turma do balão mágico. Hoje não tem nada disso." Ela entende que a infância era boa porque não havia uso de tecnologia, acreditando que os conteúdos atuais são ruins pois não são como antigamente.

A comparação feita pela mãe nos remete ao que foi discutido por Ribeiro e Ferreira (2022), aponta que a criança contemporânea está experimentando uma infância com características distintas das décadas passadas. As mudanças sociais e culturais nessa geração, juntamente com o advento de novas tecnologias, são fatores que influenciam e modificam a experiência infantil. Também é necessário considerar que a concepção contemporânea de infância difere daquela de anos anteriores. A forma como a criança é vista e tratada mudou ao longo do tempo, sendo fortemente influenciada pelos meios de comunicação e pelas pessoas com as quais ela convive. Essa evolução resulta em ações que estão associadas à perda da inocência, configurando o problema da erotização precoce, conforme apontado por Felipe & Guizzo (2003).

No que se refere aos conteúdos erotizados da época, a participante 1 nega fortemente qualquer contato e entende que a erotização está ligada à pornografia: "Não tinha nem como

acessar, eu morava com meu avô. Meu avô só trabalhava, nunca vi meu avô vendo revista pornográfica. Nunca isso entrou lá em casa. Eu sabia que na casa de outras pessoas tinha, mas eu nunca tive acesso.” Essa postura de negação e censura, que não apenas permeou sua própria infância, mas também foi replicada na criação de seus filhos, pode estar associada a fatores religiosos e à influência de sua criação. A participante parece ter vivenciado um ambiente doméstico caracterizado por valores e princípios que rejeitam explicitamente a exposição a conteúdos considerados impróprios, especialmente os de natureza erótica. Essa abordagem restritiva pode ser atribuída à influência de crenças religiosas que condenam a pornografia e buscam preservar uma educação mais conservadora e moralmente alinhada.

Em contrapartida, as participantes 2 e 3 compartilham a visão de que os conteúdos com teor erótico sempre estiveram presentes e acessíveis por meio dos programas de TV. A mãe 2 destaca: “Na minha época não tinha muito veículo midiático. Os conteúdos mais sexuais a gente via pela novela que estava ali na TV passando.” Ela enfatiza que, atualmente, há uma maior quantidade de conteúdo, e os pais estão mais conscientes. Por sua vez, a Mãe 3 considera os conteúdos da época bastante erotizados, apontando: “Na minha época já tinha é o Tchan, que era bastante sexualizado, era banheira do Gugu. Tinha programas de exposição do corpo feminino absurdos. Os nossos pais e irmãos tinham muita coisa de Playboy no banheiro.” Ela destaca a presença de conteúdos eróticos em programas de entretenimento da época, indicando que a exposição a esse tipo de material não é uma novidade, mas sim uma continuação de uma realidade que já existia. Essa perspectiva se relaciona diretamente com as observações de Figueiredo et al. (2009, como citado em Reis et al., 2014), os quais apontam que muitos programas de televisão apresentam mulheres nuas, poses e danças sexuais, possivelmente sujeitas a serem imitadas pelos olhos infantis. A presença constante desse conteúdo ao longo das

gerações destaca a importância de considerar a continuidade dessas influências no cenário midiático. O argumento de Figueiredo et al. corrobora a ideia de que a exposição a elementos eróticos não é uma novidade, mas sim uma característica persistente ao longo do tempo, evidenciando a necessidade de uma abordagem atenta e crítica em relação aos conteúdos midiáticos direcionados ao público infantil.

Ressalta-se ainda o impacto duradouro do excesso de exposição do corpo feminino, conforme destacado pela mãe 3 ao relatar sua própria infância, uma realidade que persiste nos dias atuais. Nesse contexto, as reflexões de Brei et al. (2011) abordam a problemática da erotização precoce infantil feminina, com um foco específico na influência do marketing. Os autores sustentam que a erotização precoce é um fenômeno que tem ganhado intensidade na sociedade contemporânea, especialmente entre as meninas, que são influenciadas por estratégias de marketing que as objetificam e promovem padrões de beleza e comportamentos sexualizados.

O marketing, conforme apontado por Brei et al. (2011), utiliza imagens e mensagens sexuais em produtos infantis, como roupas, brinquedos e mídias, com o intuito de capturar a atenção das crianças. Este estudo destaca que a erotização precoce pode acarretar consequências adversas para as meninas, incluindo a promoção de padrões de beleza, pressão para adotar comportamentos sexuais inadequados para a idade, baixa autoestima e a perpetuação de estereótipos de gênero. Diante desse cenário, os autores advogam pela necessidade de os pais e educadores estarem atentos a essa problemática, agindo de maneira crítica e promovendo uma educação sexual saudável que respeite o desenvolvimento integral das crianças. Essa perspectiva acentua a relevância de abordar criticamente a influência do marketing na infância e destaca a importância de orientar os cuidadores sobre estratégias para lidar com os impactos da erotização precoce nas crianças.

Com relação a unidade de significado “Infância dos pais - monitoramento” Mãe 1 diz: “Na minha criação, acho que a minha mãe, talvez por ignorância, não sei, timidez, ela não conversava, não era muito aberta.” Mãe 2 comenta: “Na minha época não tinha muito controle, apesar de ter bastante conteúdo acho que a geração de pais de hoje está mais consciente que a minha.” Mãe 3 acrescenta: “Eu acho que a gente era bem menos monitorado e eu acho que a TV aberta expunha a gente a conteúdos eróticos muito mais do que os meninos têm hoje em dia.” Todas destacaram que antigamente não havia tanta necessidade de instrução como hoje, pois havia mais dificuldade para acessar, se comparado aos dias atuais, e os conteúdos eram mais velados. A mãe 3 retrata isso quando diz: “Porque hoje, com esse negócio de Family Link e tal, a gente tem um controle muito maior, isso não existia na minha época.”

A falta de monitoramento e a ausência de orientação, incluindo conversas educativas sobre erotização e conteúdos sexuais por parte dos pais e responsáveis na infância, são pontos destacados por todas as mães. Esses relatos podem estar relacionados a diversas questões que permeiam a sociedade contemporânea. Primeiramente, é possível considerar que a falta de monitoramento pode ser atribuída à dinâmica de vida acelerada e ocupada dos pais, que podem enfrentar dificuldades em acompanhar de perto as atividades e exposições midiáticas das crianças. Além disso, a relutância em abordar temas relacionados à sexualidade pode derivar de normas culturais, tabus ou desconfortos pessoais dos pais ao discutir tais assuntos.

A falta de conversas educativas sobre erotização na infância pode refletir uma lacuna nos recursos educacionais disponíveis para os pais na época, bem como a ausência de programas abrangentes de conscientização sobre a importância dessas discussões. Dessa forma, esses aspectos podem se relacionar com uma necessidade crescente de promover conscientização, fornecer recursos educativos acessíveis e criar espaços abertos para diálogos entre pais e filhos,

visando abordar questões relacionadas à erotização e conteúdos sexuais de maneira saudável, respeitosa e instrutiva.

Sobre a unidade de significado "Pontos positivos das mídias", as mães demonstraram contentamento com a influência da mídia. A mãe 1 destaca: "Eles me surpreendem com tanto conhecimento que têm hoje. Com 15 anos de idade, eu não tinha o conhecimento de tanto conteúdo que eles têm hoje. Eles acumulam muito conteúdo e o expressam, né?" A mãe 2 adiciona: "A influência positiva, acho que são esses conteúdos que agregam, como curiosidades e ciência. Eles descobrem coisas novas, isso é muito bom." A mãe 3 compartilha: "Eu acho que eles estão sendo treinados em comunicação, então são crianças que têm o poder de comunicar. É excepcional porque estão o tempo inteiro recebendo comunicação. O vocabulário deles é muito amplo porque escutam muitas coisas."

Diante das experiências compartilhadas pelas mães e embora o trabalho se concentre no processo de erotização, considerado prejudicial, é essencial ressaltar, conforme destacado pelas próprias mães, que a mídia também pode desempenhar um papel positivo no desenvolvimento infantil. Quando as crianças são monitoradas e orientadas pelos pais ou responsáveis, elas têm a oportunidade de extrair conhecimento valioso por meio dos diversos conteúdos midiáticos disponíveis. A mídia pode oferecer informações educativas, estimular a criatividade, proporcionar acesso a diferentes culturas e perspectivas, além de contribuir para o desenvolvimento cognitivo e social. Portanto, é crucial reconhecer que a mídia pode ser uma ferramenta enriquecedora para a formação das crianças, desde que utilizada de maneira consciente e supervisionada.

Na unidade de significado "Pontos negativos", a mãe 1 menciona: "Risco de eles estarem vendo coisas que não são próprias para a idade deles." A mãe 2 ressalta: "Negativa, acho que é

uma vida de ostentação, que todo mundo é bonito e rico, estimulando sempre o consumo.” corroborando com Além disso, destaca o risco para o desenvolvimento: “A mídia influencia muito no desenvolvimento, tem que ficar o menos tempo possível...” A mãe 3 comenta: “A pior influência para mim é que é um conteúdo tão atraente que faz com que a criança perca o interesse por outras coisas. Tira o interesse em outras habilidades.”

Nesse contexto, Ferreira & Rocha (2022) destacam os riscos vinculados à exposição inadequada de conteúdos para a idade e seu impacto no desenvolvimento infantil, corroborando as preocupações expressas pelas mães 1 e 2. Eles observam que, na contemporaneidade, a influência intensa da mídia, através de filmes, séries, novelas, redes sociais e avanços tecnológicos, contribui para a formação de um ambiente em que crianças e adolescentes são continuamente expostos a materiais que podem comprometer sua participação em atividades tradicionalmente consideradas essenciais para um desenvolvimento saudável. Essa interação entre a mídia e o desenvolvimento infantil destaca a urgência de uma abordagem crítica e cuidadosa em relação aos conteúdos aos quais as crianças têm acesso, reconhecendo os potenciais impactos dessas influências na experiência infantil.

Ainda acerca do desenvolvimento, a abordagem da Gestalt-Terapia (GT) concebe o desenvolvimento humano como um contínuo processo de adaptação criativa, mediado pela habilidade natural de autorregulação orgânica do indivíduo em contrapartida muitos autores e teorias dividem esse processo em fases, estágios, posições ou organizações a fim de estabelecer a ideia de classificação e hierarquização (Antony, 2006).

A GT entende que o adulto está em constante desenvolvimento, em um processo contínuo de autoria de si mesmo, inclusive na terceira idade. Soares (2005, como citado em Barbosa, 2011) ressalta que não há um estado máximo de evolução, mas sim a plenitude de cada

momento da existência, rejeitando a ideia de um desenvolvimento definitivo. Adicionalmente, Aguiar (2014) destaca que considerar a criança como passiva diante do mundo é uma contradição, pois ela não apenas sofre influências do meio, mas também tem o poder de modificá-lo através de suas interações. A abordagem Gestáltica rejeita a visão determinista do desenvolvimento humano, reconhecendo que o indivíduo e o ambiente formam uma unidade indissociável, interagindo dinamicamente e possibilitando uma diversidade de experiências e configurações psicológicas.

O autor Aguiar (2014) categoriza as teorias do desenvolvimento em duas perspectivas: biológico-evolutiva e pedagógico-normativa. A primeira vê a infância e adolescência como períodos instáveis, enquanto a idade adulta e velhice são estáveis. A segunda considera a infância como preparação para a vida adulta, com o desenvolvimento ocorrendo apenas nessa fase. Em contraste, a Gestalt-Terapia, conforme Barbosa (2011), defende um desenvolvimento contínuo ao longo da vida, com ajustamento criativo e autorregulação orgânica. O ser humano interage constantemente com fatores biológicos e sociais, sem hierarquia. A perspectiva da Gestalt enfatiza a natureza relacional do desenvolvimento, destacando a aprendizagem por meio de interações, a autorregulação orgânica e a busca pelo equilíbrio na relação com o ambiente.

No cenário do consumo influenciado pela mídia, pontuado pela mãe 2, Silverstone (2002, como citado em Sobral, 2014) destaca o erotismo como uma das principais estratégias para atrair audiências. Complementando essa visão, Netto et al. (2010) exploram as implicações das estratégias de marketing, sublinhando como essas práticas podem contribuir para a adultização precoce das crianças e a antecipação de suas vidas adultas. As autoras argumentam que a indústria do marketing promove a ideia de crianças como consumidores ativos, dotados de poder de escolha e decisão, o que, por sua vez, resulta na perda da infância e na antecipação da vida

adulta. Além disso, elas ressaltam que essa cultura do consumo pode influenciar na formação de estereótipos de gênero e na pressão para que as crianças se conformem com padrões de comportamento e consumo considerados "adequados" para sua faixa etária e gênero. Essas análises conjuntas evidenciam os desafios provenientes da exploração do erotismo e da adultização no contexto midiático infantil, destacando a necessidade premente de uma reflexão crítica sobre as práticas de marketing direcionadas às crianças.

Acerca da influência da erotização infantil, as mães expressam bastante preocupação. A mãe 1 afirma: “A erotização é extremamente triste. Você vê o rostinho inocente tendo acesso a esse tipo de conteúdo que não é para a idade deles. As consequências com certeza não são nada agradáveis. Até mesmo para a vida adulta, porque às vezes a criança se coloca em risco. Por exemplo, conhece alguém numa rede social, marca um encontro e pode acontecer o mal com aquela criança. É muito perigoso.” A mãe 2 destaca: “As consequências da erotização são negativas demais, antecipando algo que o corpinho delas e a cabecinha delas ainda não estão preparados para entender.” A mãe 3 compartilha: “Eu acho que a erotização na hora errada é péssima porque rouba a infância. A criança fica muito precoce querendo ter contato com coisas que, de repente, não é o momento. Não tem ainda o desenvolvimento emocional para aquilo.” Ela ainda ressalta: “Eu acho que a pessoa que é erotizada muito cedo é uma vítima muito mais fácil. Ela é uma presa muito mais fácil para abusadores e para pessoas mais velhas. Então, esse é o risco, doenças tanto físicas como psíquicas.”

Ribeiro e Ferreira (2022) destacam que a exposição precoce a conteúdos sexuais, conforme ressaltado pelas mães, provoca impactos significativos na saúde emocional e psicológica das crianças. Essa exposição gera efeitos prejudiciais, como confusão, ansiedade, vergonha e baixa autoestima ao longo do tempo, afetando o desenvolvimento saudável das

crianças. Esses efeitos podem influenciar negativamente a compreensão delas sobre relacionamentos, intimidade e sexualidade, resultando em dificuldades nos relacionamentos interpessoais e na formação de identidade.

Outro ponto crucial destacado pelos autores e trazidos pela mãe 1 e 3 é a maior vulnerabilidade das crianças à exploração e ao abuso sexual, ampliada pela exposição a conteúdos sexuais nas mídias eletrônicas. Tal exposição aumenta o risco de exploração por parte de indivíduos mal-intencionados, levando a situações de abuso prejudiciais ao bem-estar e à segurança infantil. Adicionalmente, a erotização infantil pode ter impactos negativos no desempenho educacional das crianças, desviando sua atenção para temas inadequados à sua idade e prejudicando o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades acadêmicas. Estes riscos, conforme apontado por Ribeiro e Ferreira (2022), destacam a urgência de abordagens preventivas e críticas em relação à exposição inadequada de crianças a conteúdos sexuais na mídia.

Por fim, as participantes destacaram a unidade de significado "Papel da família" como um fator de suma importância, atuando de forma preventiva. A mãe 1 enfatiza: "O principal papel da família é tentar conversar, monitorar. Começar e mostrar realmente os riscos que a criança pode estar correndo, né? Tem que conversar e abrir o jogo mesmo." A mãe 2 acrescenta: "Monitoramento por parte dos pais, uma vigília constante, conversa, muita escuta e, acima de tudo, presença. Tem que estar junto, controlando. Mais do que controlar, é tentar diminuir o uso de telas e substituir por outras atividades." A mãe 3 compartilha: "Eu tenho muita clareza de que eu não vou conseguir evitar tudo. Então, eu faço a minha parte de orientar e de falar: se tiver dúvida, me pergunte, estou aberta. Eu jamais vou demonizar ou vou dizer que não é para ele falar sobre isso. A coisa está na mesa, entendeu? Vou falar, vou conversar."

Considerando as semelhanças nas declarações das mães, Ribeiro & Ferreira (2022) sublinham o papel crucial dos pais nesse cenário, enfatizando a importância de evitar a exposição prematura a estímulos ou conteúdos que ultrapassem a fase apropriada da criança. Cabe aos pais estabelecer um diálogo aberto com os filhos, delineando claramente os limites entre o que é aceitável e o que deve ser evitado. Além disso, exercer controle sobre o uso cotidiano das tecnologias é vital, uma vez que estas podem exercer uma influência negativa.

Paralelamente, é essencial que pais e educadores estejam vigilantes a essa problemática, agindo de maneira crítica e fomentando uma abordagem educacional sobre sexualidade que respeite o desenvolvimento integral das crianças (Brei et al., 2011). Por fim, Ferreira e Rocha (2022) destacam a urgência de políticas públicas que assegurem a proteção da infância, combatendo a erotização precoce nos meios de comunicação e na sociedade em geral. Essas medidas coletivas visam criar um ambiente mais seguro e saudável para o desenvolvimento das crianças, mitigando os impactos negativos da exposição inadequada a conteúdos eróticos.

Quando se trata de estabelecer uma comunicação efetiva e ser verdadeiramente presente na vida da criança, fator destacado pela segunda mãe, Muller (2006) ressalta a importância fundamental de não apenas falar com a criança, mas também de escutar ativamente suas vozes, suas experiências e perspectivas. Esta prática vai além de um mero diálogo; ela se estende a um genuíno interesse em compreender as nuances das culturas infantis. Escutar as crianças proporciona uma valiosa compreensão de seu universo emocional, seus pensamentos, desejos e preocupações, contribuindo para uma interação mais rica e significativa.

Reis et al. (2014) ressaltam a importância da educação sexual como medida preventiva diante da exposição precoce a conteúdos sexuais, destacando potenciais impactos negativos na saúde emocional, psicológica, cognitiva e social das crianças. Defendem que a educação sexual é

essencial para promover uma compreensão saudável e positiva da sexualidade, reduzindo o risco de erotização precoce. Enfatizam que essa abordagem vai além da transmissão de informações anatômicas, incluindo a promoção de valores e atitudes saudáveis em relação ao corpo, intimidade e relacionamentos. Destacam a necessidade de adequação à idade das crianças, respeitando seus valores culturais e religiosos. Além disso, salientam o papel vital dos pais na educação sexual, incentivando a vigilância em relação à exposição midiática e fomentando diálogos abertos sobre sexualidade, contribuindo para prevenir a busca por informações inadequadas.

Considerações Finais

Com base nas análises de três entrevistas distintas, buscamos desvendar as nuances que permeiam a complexa interação entre a família, a criança e a mídia. Ao empregar a identificação e análise de unidades de significado, investigamos uma ampla gama de temas, desde a história familiar até os comportamentos influenciados pela mídia. Essa abordagem proporciona uma visão abrangente das interações entre esses elementos, delineando como moldam a experiência infantil na era midiática.

Diante do que foi apresentado, torna-se evidente que a erotização infantil é um tema delicado e preocupante que demanda atenção e reflexão por parte da sociedade, especialmente no que diz respeito ao papel da família. A exploração prematura da sexualidade pode ter impactos profundos no desenvolvimento emocional e psicológico das crianças, moldando suas percepções e atitudes em relação ao próprio corpo e à intimidade.

Ao abordar essa questão, é fundamental reconhecer o papel crucial da família na formação da identidade e na orientação moral das crianças. A família é a primeira instância onde valores, normas e limites são transmitidos. Portanto, é imperativo que os membros da família estejam atentos e engajados na promoção de um ambiente seguro e saudável para o crescimento das crianças.

Considerando a problemática da erotização infantil, é importante que os pais estejam cientes das influências externas, como a mídia, a publicidade e a internet, que podem expor as crianças a conteúdos inadequados para a idade. A supervisão ativa e o diálogo aberto são ferramentas essenciais nesse processo, permitindo que os pais orientem seus filhos de maneira adequada, esclareçam dúvidas e ofereçam uma perspectiva ética sobre a sexualidade.

Além disso, a educação sexual deve ser abordada de maneira gradual e respeitosa, adaptada à maturidade emocional e cognitiva de cada criança. O ensino de valores como respeito, consentimento e autoestima desempenha um papel crucial na formação de uma visão saudável e equilibrada da sexualidade.

É importante destacar que a luta contra a erotização infantil não é apenas responsabilidade da família, mas também da sociedade como um todo. Governos, instituições educacionais e organizações podem desempenhar um papel significativo ao promover políticas e práticas que protejam a integridade das crianças e combatam qualquer forma de exploração sexual.

Em conclusão, a prevenção da erotização infantil exige uma abordagem multifacetada, onde a família desempenha um papel fundamental. Ao cultivar um ambiente de respeito, diálogo e educação, a família contribui para o desenvolvimento saudável das crianças, protegendo-as dos impactos negativos da erotização precoce e preparando-as para uma vida adulta responsável e equilibrada.

No que se refere às limitações encontradas no estudo foi a amostra restrita, representada por apenas três entrevistas, o que pode limitar a generalização dos resultados para um espectro mais amplo de famílias. Além disso, a subjetividade inerente às percepções individuais pode influenciar as respostas e análises, afetando a objetividade dos resultados.

Contudo, esta pesquisa abre portas para estudos posteriores mais abrangentes e aprofundados. A continuação deste trabalho poderia envolver uma amostra mais diversificada, incorporando famílias de diferentes origens socioeconômicas, culturais e geográficas. Isso poderia oferecer uma visão mais holística das complexidades associadas à interação entre

família, criança e mídia, permitindo uma compreensão mais completa dos desafios enfrentados por diferentes contextos familiares.

Além disso, um estudo longitudinal que acompanhe o desenvolvimento das crianças ao longo do tempo, analisando o impacto da exposição midiática e a influência familiar na prevenção da erotização infantil, poderia oferecer insights valiosos sobre a eficácia das estratégias familiares ao longo do tempo.

A compreensão e a mitigação da erotização infantil exigem uma abordagem multidisciplinar, envolvendo não apenas a família, mas também educadores, profissionais de saúde e legisladores. Novas pesquisas poderiam explorar essas parcerias interdisciplinares para desenvolver estratégias mais eficazes na prevenção e educação sobre esse tema sensível.

Em resumo, esta pesquisa fornece um ponto de partida valioso, mas existem oportunidades significativas para estudos futuros que ampliem e aprofundem a compreensão dessa complexa interação entre família, criança e mídia, especialmente no contexto da prevenção da erotização infantil.

Referências

- Aguiar, L. (2014). Gestalt-terapia com crianças teoria e prática. Summus Editorial.
- Andrade, C. C., & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27, 259-268.
- Antony, S. (2006). A criança em desenvolvimento no mundo: um olhar gestáltico. *IGTnR*, 3(4), 1–11.
- Ariés. P. (1981). História Social da Criança e da Família (2ª ed.). LTC.
- Barbosa, P. G. (2011). A criança sob o olhar da Gestalt Terapia. *Revista IGT na Rede*, 8(14), 2–22.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, p. 13563, 16 jul. 1990.
- Brei, V. A., Garcia, L. B., & Strehlau, S. (2011). A influência do marketing na erotização precoce infantil feminina. *Teorias e práticas em administração*, 1(1), 97–116.
- Ferreira, C. E. D., & Rocha, R. P. B. (2022). Reflexos de uma sociedade contemporânea acerca da erotização precoce. *Revista integrativa em inovações tecnológicas nas ciências da saúde*, 9.
- Felipe J., & Guizzo, B. S. (2003). Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. *Proposições*, 14(3).

- Gomes, L. O. (2008). O cotidiano, as crianças, suas infâncias e a mídia: imagens concatenadas. *Pro-Posições*, 19(3), 175–193.
- Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. (2020). Exposição de crianças e adolescentes à violência sexual na internet: relatório da ouvidoria nacional dos direitos humanos. Brasília.
- Müller, F. (2006). Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. *Educação & Sociedade*, 27(95), 553–573.
- Muller, J. W., & Schmidt, S. P. (2018). Pequenas estrelas do instagram: a erotização de meninas em uma rede social. *Revista Conhecimento Online*, 3, 101.
- Netto, C. F. S., Brei, V. A., & Flores-Pereira, M. T. (2010). O fim da infância? As ações de marketing e a "adultização" do consumidor infantil. *Revista de Administração Mackenzie*, 11(5), 129–150.
- Oliveira, M. R. F., Silva, L. D. B., & Paschoal, J. D. (2020). Os lugares da infância nos editoriais de moda: uma análise sobre a adultização da criança na sociedade do consumo. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, 24(3), 1856–1872
- Platt, A. D., & Oliveira, M. R. F. d. (2019). Discutindo a erotização na infância: implicações da sociedade de consumo na construção da rotina infantil nas instituições escolares. *Dialogia*, (31), 67–77.
- Qvortrup, J. (2014). Visibilidade das crianças e da infância. *Linhas Críticas*, 20(41), 23–42.
- Reis, F., Muzzeti, L. R., & Leão, A. M. d. C. (2014). Sexualidade e infância: Contribuições da educação sexual em face da erotização da criança em veículos midiáticos. *Revista Contrapontos*, 14(3), 634.

Ribeiro, P. E. C., & Ferreira, M. B. M. (2022). A erotização infantil nas mídias eletrônicas: uma discussão necessária para para pais e mestres. *Revista acadêmica Educação e Cultura em debate*, 8(1).

Sobral, J. (2014). Mídia, infância e cotidiano: a resignificação de conteúdos eróticos e sexuais por crianças em contextos populares. *Ponto-e-vírgula*, 16, 151–162.

Anexos

Anexo A - Entrevista semi-estruturada

1. História da família (quando se casaram, filhos planejados, profissão, composição do núcleo familiar)
2. Como se dá o uso das mídias sociais pela família como um todo e em especial pela criança (tempo gasto, aplicativos acessados e principais conteúdos consumidos)
3. Quando você era criança existia um monitoramento acerca dos conteúdos que você tinha acesso? Você considera isso bom ou ruim?
4. Com que idade você passou a ter acesso a conteúdo adulto?
5. Com relação ao seu filho, vocês realizam algum tipo de acompanhamento dos conteúdos que ele acessa?
6. Seu filho respeita a classificação indicativa dos conteúdos midiáticos que ele acessa, incluindo jogos, vídeos, filmes ou séries? você faz esse monitoramento?
7. Como vocês percebem a influência midiática na vivência da criança? Exemplifique.
8. De acordo com sua observação e vivência familiar, quais são os pontos positivos e negativos que a mídia oferece para o desenvolvimento da criança?
9. Vocês já perceberam a introdução de um comportamento novo ou uma situação nova, estranha aos hábitos familiares, que sugerem aprendizado na mídia social? Pode me dar exemplos?
10. Como é a rotina da criança e como se dá o seguimento de regras?
11. Como vocês lidam com as consequências da erotização infantil veiculada nas mídias sociais e a influência que a mesma pode ter sobre seu filho?

Anexo B - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Impacto das mídias na erotização infantil e o papel da família pelo olhar da Gestalt-Terapia

Instituição dos pesquisadores: UniCEUB

Professor responsável: MSc. Alexandre Cavalcanti Galvão

Pesquisadores responsáveis: Giovanna Zuchetti Iacobucci

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo geral deste estudo consiste em compreender o processo de educação e proteção dos filhos no contexto de uma intensa influência midiática. E o objetivo específico busca apresentar estratégias que os pais adotam para minimizar os efeitos da erotização midiática na formação das crianças.
- Você está sendo convidado a participar por ser o responsável legal da criança.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em uma entrevista sobre o tema proposto.
- A entrevista terá duração de 1 hora.

Riscos e benefícios

- Durante todo o curso do estudo, medidas preventivas serão tomadas para amenizar qualquer risco ou incômodo. No entanto, reconhece-se que este estudo oferece risco mínimo, por se tratar apenas de uma entrevista semi-estruturada, sem identificação dos participantes.
- Os riscos potenciais associados à pesquisa estão relacionados à sua capacidade de desencadear respostas psicológicas devido à sensibilidade das perguntas a serem feitas. Diante dessa situação, estamos totalmente à disposição para oferecer suporte e orientação abrangentes aos participantes. Isso assegurará que eles sejam assistidos de forma adequada, respeitando sua integridade emocional.
- Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento acerca da compreensão sobre a influência das mídias no processo de erotização infantil e o papel da família pelo olhar da Gestalt-Terapia.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Os dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e pelo professor responsável de modo que não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as informações ficará guardado sob a responsabilidade dos pesquisadores com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade. Os dados e instrumentos utilizados ficarão arquivados com os pesquisadores responsáveis até a conclusão do trabalho e após esse tempo serão destruídos.
- Caso queira informações ou tenha dúvida quanto a sua participação do estudo, entre em contato com a pesquisadora responsável: Giovanna Zuchetti Iacobucci pelo e-mail: Giovanna.iacobucci@sempreceub.com ou pelo telefone (61) 98107-0931.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em eventos e publicações científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar nomes, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.
- Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa ou caso queira informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo entre em contato com o professor responsável pela disciplina, professor MSc. Alexandre Cavalcanti Galvão através do e-mail alexandre.galvao@ceub.edu.br ou telefone (61) 99223-8708.

Eu, _____ RG _____, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, _____ de _____ de 2023

Participante - Responsável pela criança

Pesquisadora responsável: Giovanna Zuchetti Iacobucci

Professor responsável: MSc. Alexandre Cavalcanti Galvão

